

Sentinela da Liberdade. . .⁽⁵²⁾ Em seus oito meses de existência, o jornal não deu tréguas ao absolutismo. Combateu o projeto da Constituição que seria outorgada em fevereiro de 1824, como a escolha de Pais Barreto para governar a província, como a carta de Felisberto Caldeira Brant a Francisco Muniz Tavares, pedindo apoio para aquela Constituição, como o manifesto de Taylor, ameaçando os pernambucanos: “Baixeiras, vilanias, servilismos, indignidades, nem se devem exigir de ninguém, nem são coisas imitáveis, nem se acham no caráter pernambucano”, escreveu então. Discutindo a Constituição outorgada, proclama: “Nós queremos uma Constituição que afiance e sustente a nossa Independência, a união das províncias, a integridade do Império, a liberdade política, a igualdade civil, e todos os direitos inalienáveis do homem em sociedade; o ministério quer que, à força de armas, aceitemos um fantasma ilusório e irrisório da nossa segurança e felicidade, e mesmo indecoroso ao Brasil. . .”

A 1º de julho de 1824, em seu 24º número, o *Tifis Pernambucano* apresenta as bases de programa elaborado por intelectuais da província, documento político do maior interesse, destacando, como princípios, a liberdade de imprensa, a admissão livre dos cidadãos às funções públicas e uma referência ao trabalho escravo nestes termos: “Todo homem pode entrar no serviço de outro pelo tempo que quiser, porém não pode vender-se, nem ser vendido”. Com a irrupção da luta armada, o jornal não pôde mais circular. Frei Caneca preferiu continuar a luta por outros meios, e bateu-se, sucedendo a João Soares Lisboa como secretário e orientador político das forças rebeldes, agora no interior da província. Às vésperas da morte, compôs alguns versos, de que os últimos diziam:

“A vida do patriota
Não pode o tempo acabar.”

Cipriano Barata travava o mesmo combate, aos sessenta anos, na *Gazeta Pernambucana*, fundada por Manuel Clemente do Rego Cavalcanti

doutrinador. O *Tifis Pernambucano* circulou de 25 de dezembro de 1823 a 5 de agosto de 1824. Na noite de 28, a esquadra imperial bombardeou o Recife; frei Caneca abandonou a cidade, com a tropa rebelada. Foi preso em combate. Havia escrito: “Quando a Pátria está em perigo, todo cidadão é soldado; todos se devem adestrar nas armas para rebater o inimigo agressor”. A 17 de dezembro foi conduzido ao Recife; a 20, prestava depoimento; a 23, foi condenado à morte. Desautorado das ordens religiosas, foi fuzilado no lugar da força das Cinco Pontas, às nove horas da manhã de 15 de fevereiro de 1825. Tobias Monteiro escreveu admirável página sobre a execução de frei Caneca. (*História do Império. O Primeiro Reinado*. Rio, 1939, págs. 223-229). Encerra com esta frase: “A primeira descarga abateu-o e iluminou-lhe o caminho da História”. Frei Caneca permanece, também, como das mais gloriosas figuras da imprensa brasileira.

(52) Referência ao jornal de Cipriano Barata.